

CARTOGRAFIAS DOS RIOS NA AMÉRICA LATINA: INTERDISCIPLINARIDADE NA AULA DE E/LE

Isabela Cristina Tavares da Silva

Universidade Federal de Pernambuco – gabinete@ufpe.br

Resumo: O presente trabalho surge da necessidade de discussão acerca da função do texto literário na aula de língua estrangeira, como elemento de propulsão à cultura e construções linguísticas presentes em experiências distintas às proporcionadas pela língua materna. Deste modo, pretende-se traçar as relações existentes entre três autores latino-americanos – Javier Heraud, José Eustácio Rivera e Hildebrando Pérez – que abarcam a mesma temática: o rio. A partir de tais relações, compreender os possíveis ganhos para o estudante de E/LE na aquisição da língua, baseando-se nos aspectos de interdisciplinaridade com as disciplinas de Literatura e Geografia e interculturalidade, no contraste entre cultura de língua materna e cultura de língua estrangeira. Podemos compreender que, a partir da transposição dos aspectos de semelhança entre os textos em língua espanhola e algumas produções artísticas marcantes para o contexto do estudante, é possível ativar para a aprendizagem seu conhecimento prévio e sua memória a respeito da temática, criando um vínculo cultural com a língua estrangeira.

Palavras-chave: Espanhol como Língua Estrangeira, Ensino de Línguas, Interdisciplinaridade, Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa recorte de investigação que pretende analisar os poemários do século XX na América Latina que apresentam o rio como temática principal. Se propõe a discutir as imagens constituídas a partir da cartografia dos rios apresentados nesses textos, compreendendo que a projeção dessas construções atinge diversos níveis, que transitam entre o alegórico e o social. Deste modo, buscamos trabalhar com base em dois aspectos iniciais, apresentados como categorias de análise, sendo o primeiro a representação dos rios nos textos e o segundo, a relação do rio com seu entorno geográfico.

A partir de tais observações, pretende-se compreender o papel dessa construção na aula de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), com base nas intersecções entre as disciplinas de Literatura, Língua Espanhola e Geografia, na intenção de promover ao estudante da língua estrangeira, através do apoio intercultural dos textos literários selecionados, a aproximação com a língua materna – tratando-a como experiência cultural.

No recorte que se apresenta para este trabalho, serão postos em comparação dentro das categorias de análise acima indicadas, o poemário *El Río*, de Javier Heraud e os poemas *Soy um grávido río*, de José Eustácio Rivera e *Mutatis Mutandis*, de Hildebrando Pérez. Os textos selecionados encontram-se nas coletâneas: *Antología poesía colombiana e hispanoamericana*, publicada pela Panamericana Editorial; *El río hablador: Antología de la poesía peruana (1950 -2000)*, publicada em edição bilíngue (espanhol/português) pela Editora El Sol em associação com a 7 Letras.

METODOLOGIA

Dada a delimitação do corpus, inicia-se um breve apanhado teórico a respeito da temática para que possa adentrar na leitura realizada sobre os textos selecionados. Entender o plano de comparação na América Latina pede que saíamos do campo comum de comparação entre fontes e influências para encaminhar nosso olhar ao denominado por Zilá Bernd (1998) como comparativismo interamericano, tomando como base o princípio da hipertextualidade. Dentro dessa perspectiva Bernd afirma que o hipertexto permite transitar “no terreno da não-linearidade e da não-hierarquização, pois um hipertexto vai permitindo abertura para outros em diferentes direções” (p. 25), ou seja, podemos indicar que a América compartilha um hipertexto comum, formado pela heterogeneidade.

Em sua leitura da Poética do Diverso (1995) de Glissant, Bernd aponta que essa heterogeneidade permite o reconhecimento do texto literário na América como “espaço da interseção entre culturas” (idem, p. 26), pois o continente é posto como o território do híbrido

e do imprevisível, características arraigadas na formação do continente americano. Desse modo, o comparatismo interamericano apoia estudos e discussões interessados na recuperação e/ou reconhecimento da memória e identidades do constructo de produção literária americana.

Seguindo nessa direção, acredita-se que o *comparatismo interamericano* toca e tem por necessidade as relações interculturais, amalgama das identidades americanas, logo, tendo como suporte as discussões levantadas por Bahbah (1998), percebe-se o hibridismo como lugar: lugar da interdisciplinaridade, do confronto e encontro de certos elementos de cultura, formando zonas fronteiriças, ou zonas de contato, denominadas por Mary Louise Pratt como “as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquista e dominação” (1999, p. 34) e onde “as fronteiras entre o conhecido e o desconhecido são permeáveis” (idem, p. 369).

Esse levantamento teórico permite dizer que ocupar o espaço de fronteira no literário representa um exercício de descoberta de algo que pode ou não ter sido contado por intermédio da História, sendo assim, a literatura é acionada em sua função de espaço de recordação (ASSMANN, 2011). Ela se articula como ponte para apoiar a percepção da amálgama de ideias e pensamentos que resultam nas nossas marcas de memória americana, notando a relação contextual do literário dentro do seu aspecto de subjetividade.

Levando em consideração o *corpus* aqui analisado, nota-se a relação contextual norteada pelos elementos da natureza; apoiando-se em Glissant (2005) é possível comentar que a paisagem possui uma linguagem, sendo assim, ela nos quer dizer algo, e sua fala é importante porque na literatura estamos lidando também com um *topos* que se comunica com o homem como um ser que fala e sente. A natureza fala por si e através do ser humano – que é natureza – portanto, valorizar esse aspecto torna-se inevitável.

Para finalizar o apanhado teórico é de grande relevância entender do que se trata o espaço literário aqui analisado, que se denomina a grosso modo como paisagem, por isso baseia-se nas considerações de Brandão (2007), que entende o termo espaço como multifuncional e multidisciplinar. Para esta análise inicial adotamos a perspectiva de representação do espaço, considerando o espaço natural e social, que nesse caso, é representado pela alegoria do rio.

Dado isto, chegamos ao ponto inicial dessas leituras, na tentativa de compreender a relação homem-natureza apoiada na representação imagética do rio e da paisagem por onde corre esse rio nos três textos selecionados, realizando algumas considerações aos poemários em separado, acabando a discussão no plano comparativo entre textos, contrapondo durante a

análise com outros textos literários, tanto no campo da prosa, quanto da poesia, que exploram essa representação de maneira semelhante aos textos referidos como *corpus*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O poeta peruano Javier Heraud nasce no ano de 1942, ingressando na Pontificia Universidad Católica del Perú aos 16 anos e publicando aos 18 anos o poemário *El río* (1960). Em 1961, compartilha com Cesar Calvo o prêmio *Poeta Joven del Perú*, pelo seu livro *El viaje* (1961). Morre aos 21 anos, metralhado por 19 tiros, numa canoa no rio Madre de Dios, tendo como obra póstuma *Estación Reunida*.

Já apresentara ao longo de sua produção a imagem da água, que aparece no poema *Melancolía* (1957) em forma de chuva, como indica Gúzman-Zamora (2009):

“Al emplear la metáfora del río, Heraud se inscribe en una tradición poética ya existente. Para los españoles Jorge Manrique en Coplas a la muerte de su padre (siglo XV) y Antonio Machado en “¿Empeñé tu memoria?” (siglo XX), el río es el transcurrir de la vida. Para el poeta francés Arthur Rimbaud en el “Barco ebrio” (siglo XIX), el río es el espacio natural donde el poeta (barco) se desliza al mar que es la poesía (Castillo 58)”.

El río (1960) está formado por um conjunto de treze poemas que constituem os caminhos perpassados por um rio até chegar ao mar, o poeta atribui ao rio sentimentos de humanidade: ternura, bondade, agressividade, bravura e medo. Para tanto, o poeta associa-se ao rio desde o primeiro verso do poema, que repete várias vezes ao longo do texto, mantendo o vínculo de identificação. A partir do poema de número três, essa identificação passa a se mesclar com o verso *Yo soy el río*, onde o poeta realiza a troca do artigo indefinido para o definido, que acredito representar, respectivamente, o rio que fala e o poeta que fala por intermédio do rio.

“*Yo soy un río,*
voy bajando por
las piedras anchas,
voy bajando por
las rocas duras,
por el sendero
dibujado por el
viento”.

Como comentado por Gúzman-Zamora (2009) no caso de Rimbaud, o mar corresponde à própria poesia, já em Heraud o mar parece ultrapassar essa simbologia, para representar o medo do desconhecido e do novo, além do esquecimento – apagamento - que se produziria no encontro entre o rio e o mar, como expresso no poema de número nove, representado nas expressões abaixo sinalizadas. Destaco também, que diferentemente de Rimbaud, em Javier Heraud o rio representa o poeta (como já mencionado anteriormente) e a própria poesia¹:

“Llegará la hora,
en que tendré que
desembocar en los
océanos,
que *mezclar mis
aguas limpias con sus
aguas turbias,*
que tendré que
*silenciar mi canto
luminoso,*
que tendré que *acallar
mis gritos furiosos* al
alba de todos los días,
que clarear mis ojos
con el mar [...]
y
todo se disolverá en
una llanura de agua,
*en donde un canto o un poema más
sólo serán ríos pequeños* que bajan,
ríos caudalosos que bajan a juntarse
en mis nuevas aguas luminosas,
en mis nuevas

¹ Pela leitura realizada do trecho “todo se disolverá em/*una llanura de agua/ en donde un canto o un poema más/ sólo serán ríos pequeños* que bajan”.

*aguas
apagadas”.*

O rio estabelece uma relação íntima com a natureza por onde corre, sendo o homem mais um integrante dessa paisagem, que assim como tantos outros elementos - pedras, árvores, animais - experimenta de sua amabilidade e de sua ferocidade, no fragmento que se segue. Característica semelhante encontramos no conto *Es que somos muy pobres*, de Juan Rulfo, onde uma inundação provoca a morte de La Serpentina, vaca que seria usada como dote da menina Tacha. Sem dote, a menina (com medo de que seu destino seja como o das irmãs que se tornaram prostitutas) lamenta a morte do animal, juntamente com seu irmão – personagem que ocupa a posição de narrador no conto².

“Los animales
huyen,
huyen huyendo
cuando me desbordo
por los campos,
cuando siembro de
piedras pequeñas las
laderas,
cuando
inundo
las casas y los pastos,
cuando
inundo
las puertas y sus
corazones,
los cuerpos y
sus corazones”.

² “Yo la abrazo tratando de consolarla, pero ella no entiende. Lloro con más ganas. De su boca sale un ruido semejante al que se arrastra por las orillas del río, que la hace temblar y sacudirse todita, y, mientras, la creciente sigue subiendo. El sabor a podrido que viene de allá salpica la cara mojada de Tacha y los dos pechitos de ella se mueven de arriba abajo, sin parar, como si de repente comenzaran a hincharse para empezar a trabajar por su perdición”.

Cabe aqui ressaltar que o rio de Heraud estabelece relação com uma paisagem e natureza de cunho campestre: “[...] ya siento el viento/ en mis mejillas,/ y mi viaje a través/ de montes, ríos,/ lagos y praderas/ se torna inacabable”, aparecendo a paisagem urbana somente no final curso do rio, nesse fragmento do poema de número oito: “[...] Ya bajo por las hondas/ quebradas,/ por los ignotos pueblos/ olvidados,/ por las ciudades/ atestadas de público/ en las vitrinas”.

José Eustasio Rivera nasce na Colômbia no ano de 1888, tendo como sua produção literária mais conhecida a obra *La vorágine* (1924), resultado de suas expedições na Amazônia em companhia de Luis Zapata e Melitón Escobar. O autor é representado como um escritor do *costumbrismo* com tom de denúncia social em relação à exploração de borracha no território amazonense, sendo suas denúncias não somente no território do ficcional, como também em periódicos da época.

Na sua produção poética é descrito como aquele que expressa a limitação da vida humana através da natureza, ultrapassando a ideia de natureza como cenário. Por esse motivo, a escrita de Rivera é vista como uma quebra de paradigma no que se compreendia como literatura produzida na América Latina a finais do século XIX e início do século XX.

Soy um grávido río é um soneto que personifica a figura do rio, com identificação direta – percebida pelo uso da primeira pessoa – do narrador como um elemento natural, como veremos a continuação:

“Soy un grávido río, y a la luz meridiana
ruedo bajo los ámbitos reflejando el paisaje;
y en el hondo murmullo de mi audaz oleaje
se oye la voz solemne de la selva lejana”

Nesse fragmento podemos notar, primeiramente, o reforço da ideia da água como fonte da vida “Soy um grávido río”, quer dizer, o rio está gerando e gestando vida constantemente, como uma força motriz, e o narrador é colocado no mesmo patamar, a partir do momento que se auto afirma como rio a partir do uso do verbo “soy”.

Na mesma estrofe é possível fazer a leitura do rio como um espelho do seu entorno, assim como o homem é um espelho de suas experiências. Ao mesmo tempo, tal imagem pode ser associada a intenção do autor em destacar o rio como uma representação do homem, por isso a ideia de espelho, a construção de uma imagem virtual. Logo em seguida diz:

“Flota el sol entre el nimbo de mi espuma liviana;

y peinando en los vientos el sonoro plumaje,
en las tardes un águila triunfadora y salvaje
vuela sobre mis tumbos encendidos en grana”.

A ideia de representação é expandida, e passamos a perceber o rio como um fio condutor de sons, imagens e outras representações, recuperando a ideia de fonte da vida iniciada na primeira estrofe. Além disso, a imagem de liberdade das águas do rio como questionada, já que por ele tudo passa, voa, paira e ele assiste a essas imagens e ali permanece, por mais que corra e siga em frente.

“Turbio de pesadumbre y anchuroso y profundo,
al pasar ante el monte que en las nubes descuella
con mi trueno espumante sus contornos inundo”;

Terminando sua jornada, suas águas já não seguem as mesmas, assim como seu contorno. Com sua passagem vai se alargando e se tornando outros, do mesmo modo que a vida e que a relação do homem com a natureza, modificando-a e transformando-a. Vale ressaltar nesse ponto que podemos levantar um questionamento para duas hipóteses a respeito da modificação desse rio, uma delas seria natural e outra modificada pelo homem.

“y después, remansado bajo plácidas frondas,
purifico mis aguas esperando una estrella
que vendrá de los cielos a bogar en mis ondas”.

Por fim, o poema encerra o fechamento da jornada do rio, com a purificação das águas pela folhagem e pela chegada da noite. Diferente do rio representado por Heraud, o rio de Rivera não chega à cidade, segue seu transcurso na floresta; outra diferença que assinalo a princípio é a ideia de ação menos agressiva que na primeira leitura, as marcas desse rio são mais reflexivas, ele se movimenta, percorre, transforma, mas não destrói.

Por último, seguiremos com a leitura do poema *Mutatis Mutandis* do poeta Hildebrando Pérez Grande, representante da *Generación de 60*, assim como Javier Heraud. Nascido em 1941, atualmente Professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*. O poema analisado a seguir faz parte, originalmente, da publicação *Aguardiente, for ever* (2007).

“Un árbol derribado no es un árbol: es un río
que crece entre los hombres”

Nas primeiras linhas do poema se marca a relação profunda do homem com a natureza. A imagem da árvore caída como um rio que cresce entre os homens tem como possibilidade de interpretação o sistema sanguíneo: a água é o líquido da vida na floresta, o sangue é o líquido da vida no corpo humano, tão essencial quanto a água. O rio corre no corpo da natureza e no corpo dos homens, formando um movimento cíclico e a união dessas duas partes.

“Un río que crece entre los hombres no es un río: es un sueño
que en los días de verano se desborda sobre tu tierra seca”.

Essa vitalidade representada pela água é recuperada, dando continuidade ao pensamento proposto nas primeiras linhas do poema, no entanto, fazendo utilização de outra imagem. A água sendo a fonte da alegria por molhar e ajudar a semear ou fazer florescer a terra, ou seja, renovando esperanças e sonhos. É interessante perceber na continuação do poema que a imagem da vitalidade é transportada para outro elemento essencial da natureza: o fogo. Oposto à água, o fogo seria a energia que consome o corpo.

“Y un sueño que en los días de verano
se desborda sobre tu tierra seca no es un sueño:
es la hoguera en la que por un tiempo
ha de temblar tu delicioso cuerpo”.

Nas linhas finais do poema, o narrador desconstrói todas as ideias de vitalidade, energia, fonte (*fuentes*) que havia construído até esse momento, e que já inicia a dissipar com a imagem da *hoguera*. O rio passa a ser colocado como uma representação no campo imagético para a vida humana e pode ser substituído por tantas outras imagens, como indica o narrador: *un árbol*, *un sueño* e essas representações participam de uma não-realidade.

“Pero la hoguera
en la que por un tiempo ha de temblar

tu delicioso cuerpo no es, como supones, una fuente:
es tan sólo un árbol, un río, un sueño que te dice
inútilmente que sí, que es mentira, que no lo volverá a hacer”.

Considerando o título do poema como parte integrante do texto e não somente como uma representação ou resumo do poema, podemos elencá-lo como a chave interpretativa das ideias e imagens que se desenvolvem ao longo do poema. A expressão *Mutatis Mutandis* vem do latim e significa “mudando o que deve ser mudado”, que no caso representa que a ideia do poema se aplica à construção de diferentes imagens para a mesma representação, como aparece nas últimas linhas.

CONCLUSÕES

Como considerações, identificamos pontos de confluência entre os três poemas, primeiramente pela temática abordada, que trabalha como tema central a representação do rio e /ou vitalidade das águas e da natureza, pois como pode-se notar o poema *Mutatis Mutandis*, de Hildebrando Pérez não parte da imagem do rio; a primeira imagem nesse caso é a da árvore, que se desdobra no rio para destacar a ideia da vitalidade.

Em *El Río*, de Javier Heraud, podemos perceber a contundente descrição do entorno, de maneira detalhada até a chegada na cidade, assim como o anseio pelo encontro com o mar, símbolo da liberdade. Ao mesmo tempo, tendo o narrador ocupado a posição do rio, na transição da fala para a primeira pessoa, é provável tratar a descrição do rio como um relato de experiências vivenciadas pelo narrador. Esse poema, em particular, tem estruturas e elementos que fornecem bases para marcar uma relação com o *O rio*, de João Cabral de Melo Neto.

No caso de *Soy um grávido río*, a identificação do narrador-rio é mais contundente pois desde o princípio do soneto o rio fala em primeira pessoa, ou seja, não é contado, fala por si mesmo de suas experiências; há uma clara representação de sua jornada, marcada pela aparição do sol e das estrelas. Por todo o poema, encontro a descrição de um ambiente que não é urbano, e esse elemento pode ser considerado um sinal de marca de escrita de José Eustasio, em sua defesa pelo território amazonense.

Marcamos, por fim, a relação de interdependência nos três casos entre o homem e a natureza que o circunda, seja no nível real ou simbólico, nos textos selecionados há uma simbiose entre o narrador e o rio, o homem-rio, que pretendo entender na continuidade desse

estudo se pode ou não ser considerada como uma característica do hibridismo e heterogeneidade da produção literária na América Latina.

Para o espaço da aula de E/LE, pode-se, portanto, aplicar os textos analisados em contraposição com o texto *O rio* de João Cabral de Melo Neto, explorando o conhecimento prévio dos estudantes a respeito das dinâmicas de configuração dessa paisagem no estado de Pernambuco e na cidade do Recife, comparando geograficamente com as paisagens latino-americanas oriundas dos poemas supracitados.

Esse movimento intercultural na aula de língua estrangeira cumpre os propósitos da leitura literária para a formação linguística da criticidade dos estudantes, mencionados por Ballester e Ibarra (2005) em seu icônico artigo para a Revista OCNOS:

“No olvidemos que las clases de literatura deben ser una ventana abierta al mundo, tanto al real como al imaginario. Como un gran territorio sin límites ni fronteras, una extensión solidaria y la lectura como el viaje, como la travesía hacia un universo infinito de posibilidades. Sin la lectura no hay literatura. Ni fenómeno literario” (p.31).

REFERENCIAS

ASSMAN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BALLESTER, J; IBARRA, N. La enseñanza de la literatura y el pluralismo metodológico. *Revista OCNOS*, nº 5, 2009, p. 25 – 36.

BERND, Z. *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

BRANDÃO, L.A. Espaços literários e suas expansões. *Aletria*, v.15, 2007, p 207 – 220.

GLISSANT, E. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GRANDE, H.P. *Mutatis Mutandis*. In: FARIAS, P.A. (org.). *El río hablador: antología de la poesía peruana (1950 – 2000)*. Rio de Janeiro, 7Letras; Recife: Ensol, 2007.

GUZMÁN-ZAMORRA, F. La vida y la muerte en El río y El viaje de Javier Heraud. *Nafragios*: revista de literatura y arte, nº 1, 2009, Universidad Villanova.

HERAUD, J. El río. In: FARIAS, P.A. (org.). *El río hablador*: antología de la poesía peruana (1950 – 2000). Rio de Janeiro, 7Letras; Recife: Ensol, 2007.

PRATT, M. L. *Os olhos do império*: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RIVERA, J.E. Soy un grávido río. In: MAFFLA, J.G. *Antología*: poesía colombiana e hispanoamericana. Santafé de Bogotá: Panamericana, 1997.